17º SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA

diamantina · mg · brasil

CODEMIG
Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais

MINAS GERAIS
GOVERNO DE TODOS

APRESENTAÇÃO

Tradicionalmente conhecido como Seminário de Diamantina, o Seminário sobre a Economia Mineira, realizado de dois em dois anos, tem o objetivo de discutir temas de Economia, História, Demografia e Políticas Públicas, apresentados em mesas-redondas e sessões especiais, compostas de pesquisadores convidados, e também em sessões temáticas, organizadas por meio de trabalhos selecionados para apresentação.

Desde a sua primeira edição, em 1982, o Seminário é organizado pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG (Cedeplar), na cidade mineira de Diamantina. Ao longo desse período, constituiu-se em um fórum privilegiado de discussão acerca da realidade social, econômica e política de Minas Gerais e do Brasil, por reunir professores, pesquisadores, estudantes, políticos, empresários e administradores públicos, para debater temáticas variadas, com base em abordagens multidisciplinares – com perspectivas teóricas diversificadas e analiticamente atualizadas. Além disso, tornou-se também fórum aberto e dinâmico de avaliação das políticas públicas em Minas Gerais.

Tendo privilegiado a discussão sobre a realidade mineira desde a sua primeira edição, o Seminário de Diamantina incorporou, em sua programação, o debate sobre diversos e decisivos aspectos das realidades do Brasil e de outros países, além de questões teóricas e metodológicas relevantes. Como resultado, o Seminário contou, nas últimas edições, com a participação de número expressivo de convidados internacionais. Nesta 17ª edição, além de trabalhos que têm Minas Gerais como foco, foram aceitas submissões que abordavam temas nacionais e outros recortes espaciais.

As centenas de trabalhos publicados nos anais do Seminário sobre a Economia Mineira e disponibilizados on-line têm sido material indispensável ao subsídio de políticas públicas no país. Nesse sentido, o evento tem contribuído para o enfretamento da grande questão do desenvolvimento nacional e regional, que é também missão da Universidade, ao mesmo tempo em que se reafirma como espaço sintonizado ao que há de mais significativo no debate acadêmico-científico contemporâneo.

EXPEDIENTE

Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional / UFMG

Diretoria
Cássio Maldonado Turra - Diretor
Rodrigo Ferreira Simões - Vice Diretor

Comissão Organizadora
João Antonio de Paula
Coordenador do Seminário e Professor do Cedeplar / UFMG
José Irineu Rangel Rigotti
Coordenador da Pós-Graduação em Demografia do Cedeplar/UFMG
Marco Flávio da Cunha Resende
Coordenador da Pós-Graduação em Economia do Cedeplar/UFMG
Edson Paulo Domingues
Chefe do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG
Laura Rodríguez Wong
Chefe do Departamento de Demografia da UFMG
Gustavo de Britto Rocha
Coordenador da Comissão Científica
Pedro Vasconcelos Maia do Amaral
Professor do Cedeplar / UFMG
Maristela Machado Dória
Secretária Geral do Cedeplar / UFMG

Comissão Científica
Gustavo de Britto Rocha
Coordenação Geral
Economia
Aline Souza Magalhães
Fabrício José Missio
Fernanda Cimini Salles
Demografia
Adriana de Miranda Ribeiro
Ana Paula de Andrade Verona
Juliana de Lucena Ruas Riani
História
Carlos Eduardo Suprinyak
Leonardo Gomes de Deus
Mario Marcos Sampaio Rodarte
Políticas Públicas
Kenya Noronha
Luciana Soares Luz do Amaral
Sibelle Cornélio Diniz da Costa

DIAMANTINA EM CELEBRAÇÃO

Seminário sobre a Economia Mineira reuniu mais de 700 participantes e marcou o início das comemorações dos 50 anos do Cedeplar

Diamantina recebeu, na semana de 29 de agosto a 2 de setembro, 17ª edição do Seminário sobre a Economia Mineira, que há 34 anos reúne pesquisadores e estudantes para tratar de economia, demografia, história e políticas públicas. Em 2016, o evento teve motivação diferente, por marcar o início das comemorações dos 50 anos do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar), que serão completados em 2017. Uma exposição narrou a história da instituição vinculada à Faculdade de Ciências Econômicas (Face).

No âmbito externo, o seminário foi marcado, neste ano, pela crise econômica, como observa o professor João Antonio de Paula, coordenador do evento. Ele lembra que o seminário surgiu em meio a outra crise, em 1982. "Na época foi uma das motivações para a iniciativa. Mas a crise atual é a mais grave e profunda, pelo menos desde 1964. Mais de três décadas depois da primeira edição, foram registrados avanços, mas há lista longa de temas não resolvidos, que nos assombram há gerações", comenta João Antonio de Paula. Os impasses da política brasileira foram abordados em uma das três grandes conferências do evento, pelo historiador José Murilo de Carvalho. O objetivo, segundo ele, foi o de examinar a situação atual em perspectiva histórica e sociológica. "O problema central da minha abordagem é o da nossa aparente incapacidade de manter trajetória persistente de crescimento e inclusão, sem os avanços e retrocessos que têm marcado nossa história pós-1930", diz.

"...a crise atual é a mais grave e profunda, pelo menos desde 1964. Mais de três décadas depois da primeira edição, foram registrados avanços, mas há lista longa de temas não resolvidos, que nos assombram há gerações." (João Antonio de Paula)

POLARIZAÇÃO E CRISE DO CAPITALISMO

O também historiador Fernando Novais tratou dos "embaraços do homem cordial", à luz dos efeitos da forte polarização recente que inspirou a menção ao ódio entre parcelas divergentes da população. E o professor Sergio Alcides, da Faculdade de Letras da UFMG, celebrou os 400 anos da morte de William Shakespeare ao falar de *A tempestade*, última peça do bardo inglês, considerada seu testamento literário.

Mesas-redondas, no início e no fim de cada dia, colocaram em debate assuntos como a crise capitalista mundial – com participação do americano Fred Mosley e do francês Pascal Petit –, relações entre cultura, política e desenvolvimento e os aniversários de três obras fundamentais: *A riqueza das nações*, de Adam Smith (240 anos), *O capital*, de Karl Marx (150 anos), e *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*, de John Keynes (80 anos). Outras doze "mesas especiais" trataram de natureza e urbanização, inserção externa brasileira, universidade e planejamento metropolitano, crise econô-

mica, migração internacional e saúde, entre outros temas.

O evento contou também com cursos sobre história de Minas e economia solidária e sessões temáticas e de comunicações e pôsteres em que foram apresentados 194 trabalhos escolhidos entre cerca de 400 submetidos. O professor Gustavo Britto, que coordenou a seleção dos trabalhos, ressalta que o Seminário de Diamantina abre espaço para pesquisadores de instituições de diversos portes e regiões e sempre foi a porta de entrada para pesquisadores que mais tarde se tornariam referência.

HOMENAGEM A FERNANDO BRANT

A edição deste ano não negou a tradição de oferecer atividades culturais e artísticas. Um concerto da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais na Praça do Mercado confirmou a intenção dos organizadores de abrir o evento à cidade, promovendo atividades gratuitas, em praça pública. Um show homenageou o compositor Fernando Brant, morto em 2015, que tinha forte ligação com o Seminário de Diamantina. Na primeira edição do evento, ele participou de mesa-redonda com nomes como Antonio Cândido e Affonso Romano de Sant'Anna. O tema foi *Minas não há mais?*, que imprimia caráter interrogativo à afirmação em verso de Drummond. Depois, Brant voltaria ao seminário algumas vezes como músico.

Originalmente capaz de reunir pouco mais de cem pessoas para discussão de temas exclusivamente mineiros, o Seminário de Diamantina envolveu na edição deste ano mais de 700 participantes. "O evento cresceu porque a demanda por novas abordagens e espaço para apresentação de trabalhos é cada vez maior. O seminário reflete a ampliação do escopo intelectual e de interesses e horizontes das atividades do Cedeplar", afirma o professor João Antonio de Paula. Ele ressalta que as comunicações e debates tratam de temas atuais, que suscitam ligações interdisciplinares, o que "é a cara do Cedeplar". "O Seminário é mais plural que a média dos congêneres, porque está de acordo com a maneira como entendemos economia, sempre em diálogo com as outras disciplinas", sentencia.

APELO AO AFETO

Uma exposição que combina documentos e obras de arte também marcou, em Diamantina, o início das comemorações de meio século de existência do Cedeplar. Ofícios relacionados à criação do Centro, pesquisas e publicações foram dispostos em vitrines, e numa "sala de estar" monitores cumpriram o papel de mesas de centro com exibição de fotos e filmes que contam a história do Cedeplar. "É o momento de localizar pessoas e se deixar levar pelo afeto que a memória desperta", explica o professor Fabrício Fernandino, da Escola de Belas-Artes, responsável ela produção da mostra, com curadoria de João Antonio de Paula.

"É o momento de localizar pessoas e se deixar levar pelo afeto que a memória desperta." (Fabrício Fernandino)

A exposição contém ainda os cartazes das 17 edições do Seminário de Diamantina, que representam ainda um passeio pela produção gráfica nas últimas décadas. Os cartazes foram reproduzidos e impressos novamente em placas de policarboneto. Textos e imagens foram compilados em um catálogo de 44 páginas. E, em consonância com a história do Seminário, que valoriza cultura e arte em sua programação, a exposição dos 50 anos conta com sete telas da artista Elisa Grossi, de Diamantina, que remete à produção de alunas carentes na fábrica de tecelagem de Biribiri, no início do século 19.

O material contido na mostra remete ao movimento de criação do Cedeplar, que teve apoio de instituições como ONU, Cepal e BNDES, e aos cursos, pesquisas e publicações. Há também homenagem aos fundadores, os professores Fernando Reis, Élcio Costa Couto e Álvaro Fortes Santiago, que mantinham simultaneamente atividades no Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), Paulo Haddad, Carlos Mauricio Ferreira e José Alberto Magno de Carvalho.

"O Cedeplar tem papel importante para a UFMG e para o país. Tem formado quadros com atuação destacada, sobretudo no setor público, e muitos deles se sobressaem também na América Latina e na África de língua portuguesa." (José Alberto Magno de Carvalho)

Único dos fundadores ainda em atividade no Cedeplar – ele se aposentou, mas atua como voluntário –, o professor José Alberto menciona "sensação de dever cumprido", uma vez que o Centro se consolidou regional e nacionalmente, nas áreas da pós-graduação e da formação de recursos humanos em economia e demografia. "O Cedeplar tem papel importante para a UFMG e para o país. Tem formado quadros com atuação destacada, sobretudo no setor público, e muitos deles se sobressaem também na América Latina e na África de língua portuguesa", afirma.

(Itamar Rigueira Jr.)

MIGRAÇÃO EM PERSPECTIVA

Processos migratórios internacionais no Brasil foram tema de debate em Diamantina

Há aproximadamente um milhão de pessoas naturais de outros países vivendo no Brasil, de acordo com o registro de estrangeiros da Polícia Federal. Esse número engloba vistos permanentes, temporários, fronteiriços e provisórios. Apesar de o número de pedidos de entrada no país ter aumentado nos últimos 10 anos, há poucos dados sobre a migração no Brasil.

Apenas no último Censo sobre a população brasileira, realizado pelo IBGE em 2010, perguntas sobre migrantes e emigrantes foram adicionadas à pesquisa. Apesar disso, os dados ainda carecem de análise mais aprofundada, de acordo com o professor Mardem Campos, do Departamento de Sociologia da Fafich / UFMG, um dos participantes da mesa *redonda Novos fluxos, novas fontes de informação, novos paradigmas: a migração internacional no Brasil no início do século 21*, realizada em 31 de agosto, no Seminário sobre a Economia Mineira, em Diamantina.

"Até a década de 80, a migração internacional era muito pequena, não era um fenômeno de destaque. Dos anos 80 pra cá, o Brasil se inseriu de forma definitiva nos sistemas de divulgação internacional. Primeiro, com a saída de brasileiros para o Japão, os Estados Unidos e a Europa. Agora, com os novos fluxos de pessoas que entram no país, o fenômeno ganhou dimensão e relevância e tratamento", explicou.

Mardem Campos considera a migração um tema complexo. "Esse tema exige uma espécie de treino. Essas informações não são fáceis de serem manipuladas. O número de pessoas treinadas para lidar com essa base de dados ainda é pequeno", pontuou.

Os desafios para a área da migração também foram discutidos na mesa coordenada pela professora Gisela Zapata (UFMG), que reuniu também os professores Duval Fernandes (PUC Minas), João Peixoto (Universidade de Lisboa), Rosana Baeninger (Unicamp) e José Alberto Magno de Carvalho (UFMG).

O impacto das trocas de governo nas políticas para estrangeiros foi avaliado pelo professor Duval Fernandes, da PUC Minas. Para ele, a percepção dos governos liderados pelo PT sempre foi marcada por uma visão humanista em relação aos processos migratórios.

"Em discussão sobre a criada de corredores para os refugiados sírios, o atual governo, quando ainda interino, já sinalizou que pode ir em direção contrária. Há sempre o temor de que essa visão humanitária dos direitos humanos relacionados à migração não permaneça", pontuou.

(Jéssika Viveiros)

INVENTÁRIO DE CONHECIMENTOS

Seminário de Diamantina é o principal fórum inspirador de políticas públicas para Minas Gerais, defende coordenador da 17ª edição do evento

A crise político-econômica que assola o país pode, em certa medida, ser comparada à vivida no ano de 1982, quando foi realizada a primeira edição do Seminário sobre a Economia Mineira. A afirmação é do professor João Antonio de Paula, coordenador da 17ª edição do evento, e foi feita durante abertura do evento no dia 31 de agosto, em Diamantina. "Novamente estamos aqui reunidos para tentar lançar luz sobre o nevoeiro de ideias que cobre o país", afirmou.

"...estamos aqui reunidos para tentar lançar luz sobre o nevoeiro de ideias que cobre o país." (João Antonio de Paula)

Na visão de João Antonio, o evento é o principal fórum inspirador de políticas públicas para Minas Gerais. "As milhares de páginas de textos pronunciados aqui, ao longo de 34 anos, compõem um inventário de conhecimento sobre Minas Gerais que nenhuma instituição produziu", disse.

Para o reitor da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Gilciano Saraiva Nogueira, a UFMG é referência importante para outras instituições, principalmente porque seus programas de pós-graduação dedicam-se a desenvolver estudos que "extrapolam as prateleiras e são traduzidos em benefícios para a sociedade". "Esse exemplo deixa claro que o Brasil precisa das universidades para se tornar competitivo", argumentou.

O secretário de Estado de Planejamento e Gestão, Helvécio Miranda Magalhães Júnior, manifestou sua satisfação em estar presente ao Seminário, destacando que o Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da UFMG é "uma marca da qual Minas Gerais muito se orgulha". "Espero absorver muitas ideias nos debates aqui realizados", acrescentou.

CIDADE INSPIRADORA

A dimensão cultural do Seminário foi evidenciada pelo secretário de estado de Cultura, Ângelo Oswaldo Araújo Santos. "Diamantina, cidade considerada patrimônio histórico e cultural do país, é cenário inspirador para a arte e para a ciência", comentou.

"Diamantina, cidade considerada patrimônio histórico e cultural do país, é cenário inspirador para a arte e para a ciência." (Ângelo Oswaldo)

O prefeito de Diamantina, Paulo Célio de Almeida Hugo, afirmou que a cidade "recebe com felicidade o Seminário, que bienalmente modifica a paisagem diamantinense". "Estamos certamente em uma terra sagrada, construída no passado pelo sangue e suor dos escravos. A cidade é repleta de simbolismos: assim como o passadiço liga os dois lados da Casa da Glória, o Seminário liga Diamantina ao desenvolvimento do país", metaforizou.

"Estamos certamente em uma terra sagrada, construída no passado pelo sangue e suor dos escravos. A cidade é repleta de simbolismos: assim como o passadiço liga os dois lados da Casa da Glória, o Seminário liga Diamantina ao desenvolvimento do país." (Paulo Célio de Almeida)

O pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento da UFMG, Hugo Eduardo Araújo da Gama Cerqueira, que representou o reitor Jaime Ramírez na solenidade, convocou os participantes a "interpretar o momento do Brasil, contraditar os obstáculos da plena democratização e buscar soluções".

"Cobra-se da universidade a postura de resistência, de crítica, de reflexão e de proposição. Diamantina é o local ideal para esse tipo de reflexão." (Hugo Cerqueira)

"Há 34 anos vivenciávamos os últimos anos do regime militar, e não era claro para ninguém o rumo que o país iria tomar. Muitos dos que participaram do evento em 1982 levaram para a prática o que foi discutido nos seminários. Cobra-se da universidade a postura de resistência, de crítica, de reflexão e de proposição. Diamantina é o local ideal para esse tipo de reflexão", finalizou.

PERDA DILACERANTE

Um nome foi lembrança recorrente entre os componentes da mesa de abertura do Seminário sobre a Economia Mineira: o professor Rodrigo Simões, morto no dia 19 de agosto. "O evento tem sentido especial para nós, organizadores, devido à perda dilacerante de uma pessoa que, até há poucos dias, se empenhou muito para que ele fosse realizado", disse João Antonio de Paula.

"Apesar da dor da perda, tentaremos realizar o evento da maneira que ele queria", registrou a diretora do Cedeplar, Mônica Viegas Andrade. "Rodrigo era um mestre da visibilidade, de caráter controverso: malvado e encantador", declarou o professor Roberto Monte-Mór, no encerramento da sessão de abertura, na qual foi exibido vídeo em homenagem a Simões.

(Matheus Espíndola)

IMPULSO PARA A INOVAÇÃO

Pesquisadores pioneiros relembram movimento que resultou na criação do Cedeplar

A experiência de criação do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) foi abordada no dia 31 de agosto, em mesa redonda composta por alguns de seus fundadores, que lideraram movimento durante as gestões dos reitores Aluísio Pimenta e Gérson Boson.

Na mesa-redonda *50 anos do Cedeplar, 55 anos do BDMG, o Planejamento e o Desenvolvimento de Minas Gerais*, o professor Paulo Haddad relatou que tudo começou com o projeto de implantação de uma escola de economia na UFMG, uma vez que, nos anos 1950, a Faculdade funcionava como uma miniuniversidade de ciências sociais.

"Foi recrutada nova geração de professores e criado um sistema bolsas de estudos, que funcionou como incubadora de professores. O ambiente era favorável, pois lá circulavam intelectuais como Celso Furtado, Ignácio Rangel e Fernando Henrique Cardoso", relatou.

O professor Carlos Maurício de Carvalho Ferreira pontuou que "em um contexto de inconformismo, em que efervesceram questões culturais, filosóficas e ideológicas, surgiu o impulso para a inovação". "Não tínhamos prestígio e qualificações acadêmicas para um projeto de tamanha magnitude, mas aceitamos o desafio de dar um salto no ensino de economia", afirmou.

"...em um contexto de inconformismo, em que efervesceram questões culturais, filosóficas e ideológicas, surgiu o impulso para a inovação." (Carlos Ferreira)

Segundo Carlos Maurício, o Cedeplar nasceu da ideia de um grupo de professores e estudiosos, que enxergaram a necessidade de trazer para Minas o conceito de economia regional, oriundo da filosofia alemã. "Surgiram muitas publicações que contribuíram para criar uma massa crítica, de dimensão interdisciplinar. Isso desencadeou o projeto de fundação de um centro de planejamento voltado para realidades econômicas localizadas", lembrou.

A participação dos reitores Aluísio Pimenta e Gerson Boson foi analisada pelo professor José Alberto Magno de Carvalho. "Aluísio era inovador e nos apoiou bastante no momento inicial. Seu sucessor, Gerson Boson, era tido como conservador, o que gerou receio quanto à continuidade do projeto. Mas, para nossa surpresa, ele também nos deu total apoio", contou.

José Alberto relembrou que, nas primeiras décadas de existência do Cedeplar, a migração de economistas da UFMG para o governo do estado gerou algumas dificuldades. "A saga foi marcada por superação, persistência e sabedoria", disse.

"Aluísio [Pimenta] era inovador e nos apoiou bastante no momento inicial. Seu sucessor, Gerson Boson, era tido como conservador, o que gerou receio quanto à continuidade do projeto. Mas, para nossa surpresa, ele também nos deu total apoio." (José Alberto Magno de Carvalho)

ELITE INTELECTUAL

Sobre a fundação do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, ocorrida há 55 anos, o ex-reitor da UFMG Clélio Campolina Diniz lembrou que, embora a economia mineira vivesse um momento de declínio, havia no estado uma influente elite intelectual e política que acabou alavancando o projeto. "Era recorrente o discurso da decadência da economia mineira, e o plano de recuperação incluiu a reivindicação de uma agência de desenvolvimento em Minas", contou.

"A economia mineira tem perdido importância em relação a outros estados. Será preciso resgatar a importância do planejamento como instrumento de gestão." (Marco Aurélio Crocco)

O atual presidente do BDMG, Marco Aurélio Crocco, que também é professor da Faculdade de Ciências Econômicas, enfatizou que a instituição desempenhará, em longo prazo, papel fundamental no crescimento econômico de Minas Gerais. "A economia mineira tem perdido importância em relação a outros estados. Será preciso resgatar a importância do planejamento como instrumento de gestão", defendeu.

(Matheus Espíndola)

GOVERNO TEMERÁRIO

Mandato de Temer é frágil e falta liderança com densidade para disputar as eleições de 2018, defendeu José Murilo de Carvalho

Um dia após a confirmação do impeachment de Dilma Rousseff, o cientista político e historiador José Murilo de Carvalho projetou um mandato fragilizado e turbulento para o presidente empossado Michel Temer e um cenário pouco alentador para as eleições presidenciais de 2018. Isso porque, em sua visão, não há, no quadro partidário atual, lideranças com densidade eleitoral para vencer o pleito. Essas análises foram feitas na conferência *A política brasileira hoje*, no dia 1º de setembro, durante a 17ª edição do Seminário sobre a Economia Mineira, em Diamantina.

"O PT passará os próximos anos elaborando estratégias para se redefinir. Temer vai 'empurrar' seu governo até 2018. Durante esse período, ele sofrerá oposição dos mesmos atores que bloquearam as reformas de Dilma. O PSDB, por sua vez, vai se esforçar para barrar as investidas de Temer, por causa de interesses eleitorais", prevê o cientista político.

"Temer vai 'empurrar' seu governo até 2018. Durante esse período, ele sofrerá oposição dos mesmos atores que bloquearam as reformas de Dilma."

'GOLPES' EM RETROSPECTIVA

O historiador repassou todos os episódios da história do país em que o presidente foi destituído do cargo antes do término do mandato. Ele caracterizou como "golpe" os afastamentos ocorridos em 1823, 1840, 1889, 1891, 1930, 1937, 1945, 1955, 1964 e 1968.

"Em 1930, o 'golpe' foi camuflado em 'revolução'. Já o de 1964, cuja responsabilidade exclusiva é comumente atribuída aos militares, contou com massivo apoio da sociedade civil."

"Em 1930, o 'golpe' foi camuflado em 'revolução'. Já o de 1964, cuja responsabilidade exclusiva é comumente atribuída aos militares, contou com massivo apoio da sociedade civil. O impeachment de Collor, em 1992, não foi traumático porque o presidente não tinha base de apoio

no Congresso, tampouco nas ruas", comentou José Murilo.

Embora não tenha manifestado uma posição explícita sobre o impedimento de Dilma Rousseff, o historiador enumerou alguns fatores que culminaram com a destituição definitiva da presidente: "O partido que ficou no poder durante 12 anos se desgastou. Além disso, a inabilidade política de Dilma, a crise econômica mundial, a contaminação da esquerda pelo patrimonialismo e a descrença geral na política por parte da população contribuíram para o contexto de ruptura", disse.

"Curiosamente, o grande salto na relação eleitor-habitante ocorreu durante o regime militar, quando muitos direitos e liberdades eram duramente cerceados."

O historiador também discorreu sobre o fenômeno que chamou de "entrada do povo na política". De acordo com os dados apresentados, apenas 5% da população, em 1930, tinha direito ao voto, ou 1,8 milhão de brasileiros. Em 1970, 22 milhões de cidadãos, ou 24% da população, eram eleitores. Nas eleições de 2010, a proporção subiu para 71%, ou cerca de 138 milhões de pessoas.

"Curiosamente, o grande salto na relação eleitor-habitante ocorreu durante o regime militar, quando muitos direitos e liberdades eram duramente cerceados", afirmou o cientista.

VARGAS E LULA

"Assim como Getúlio, Lula descobriu como chegar ao povo, garantindo quatro mandatos para o PT."

Para José Murilo, o ex-presidente Lula assimilou e pôs em prática, na campanha de 2002, artifício de que Getúlio Vargas já havia lançado mão décadas antes para vencer as eleições: "a interpelação do povo". "Somente na sua quarta tentativa de chegar à Presidência, Lula transferiu a centralidade de sua campanha do operariado para o povo. Isso porque percebeu que apenas 17% da população brasileira era de trabalhadores sindicalizados – que constitui forte grupo de pressão, mas não é capaz de vencer uma eleição. Assim como Getúlio, Lula descobriu como chegar ao povo, garantindo quatro mandatos para o PT", observou.

(Matheus Espíndola)

CULTURA PARA O DESENVOLVIMENTO

Discussão sobre o papel da cultura como propulsora do crescimento econômico também teve espaço no Seminário de Diamantina

Na mesa-redonda *Cultura, política e desenvolvimento econômico no Brasil*, pesquisadores e gestores abordaram, em 2 de setembro, o potencial gerador de riquezas das atividades culturais.

A economista Andrea Mattos, que atua na Superintendência de Museus e Artes Visuais (Sumav), descreveu a atuação do órgão nas cidades onde são fomentadas atividades museológicas. Segundo a economista, as comunidades contempladas experimentam considerável desenvolvimento imobiliário, turístico e comercial.

Andrea Mattos citou o caso de Cordisburgo, a 115 quilômetros de Belo Horizonte, que abriga o Museu Casa Guimarães Rosa – o município é a terra do escritor mineiro. "Em 2015, o museu registrou mais de 27 mil visitas, o que corresponde ao triplo da população da cidade", sublinhou.

"Em 2015, o museu [Casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo] registrou mais de 27 mil visitas, o que corresponde ao triplo da população da cidade." (Andrea Mattos)

Só no ano passado, acrescentou a gestora, a 28ª edição da Semana Roseana, evento cultural sediado no Museu, teve público superior a 6,7 mil pessoas. "O total de investimento concedido pelos governos municipal e estadual foi de R$ 40 mil. Foram aplicados, portanto, apenas R$ 5,96 por visitante, o que sinaliza que houve significativo retorno financeiro", argumentou.

"O total de investimento concedido pelos governos municipal e estadual foi de R$ 40 mil. Foram aplicados, portanto, apenas R$ 5,96 por visitante, o que sinaliza que houve significativo retorno financeiro."

A Sumav é responsável pela gestão de sete museus, localizados em Belo Horizonte, Mariana, Ouro Preto e Juiz de Fora, além de Cordisburgo. Entre as ações desenvolvidas no âmbito da instituição, Andréa enumerou exposições, seminários, exibição de filmes, semanas culturais, oficinas, encontros regionais e estaduais.

INTERAÇÃO E CONECTIVIDADE

As consequências do advento das tecnologias digitais no contexto da produção artística foi o aspecto evidenciado pela pesquisadora em economia da cultura Ana Flávia Machado. Segundo ela, que é professora da Face e atualmente dirige o Espaço do Conhecimento UFMG, as inovações trazem um movimento que inclui auto-organização, compartilhamento, além de elevadas interação e conectividade.

"Hoje, é simples o processo de compartilhar a produção e gerar alternativas para financiamento de produtos culturais e obter o feedback dos usuários", argumentou.

Ana Flávia salientou que, em decorrência do uso das plataformas digitais, artistas, produtores e designers ganharam autonomia para organizar fornecedores e reduzir custos – intensificando, assim, as atividades. O pleno entendimento dessa conjuntura, segundo ela, é essencial para as diretrizes do Sistema Nacional de Cultura, mecanismo de gestão e promoção de políticas públicas.

(Matheus Espíndola)

ECONOMIA EM CRISE

Em mesa redonda, especialistas traçaram diagnóstico da crise econômica brasileira

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro teve retração de 4,6% de março a agosto de 2016, de acordo com o IBGE. Em julho deste ano, as contas públicas do país registram déficit primário superior a R$ 12,8 bilhões, o maior da série histórica iniciada em 2001, o que demonstra que o governo gastou mais que a arrecadação.

Aposta exagerada nos preços das *commodities*, política cambial confusa, gastos públicos descontrolados e incapacidade do governo em sustentar o investimento público foram algumas das explicações para a crise econômica, apresentadas pelo economista Carlos Eduardo Carvalho, durante mesa do Seminário de Diamantina, realizada no dia 1º de setembro.

"Minha ideia é que nós temos um somatório de erros de política econômica, muito sérios, que foram feitos especialmente no governo Dilma, e que refletem, provavelmente, dificuldades muito profundas na economia brasileira", avaliou.

O futuro da economia brasileira também foi abordado pelos pesquisadores que, em sua maioria, concordaram que não é possível prever quais ações serão tomadas pelo presidente Michel Temer. O professor Fernando de Holanda Barbosa Filho, da Fundação Getúlio Vargas, acredita que o afastamento definitivo de Dilma Rousseff traz uma "oxigenação de expectativas".

"A saída da Dilma oxigenou bastante as expectativas. Existe bastante confiança de que as coisas vão voltar a funcionar com a saída dela, porque com ela a expectativa era de que nada iria mudar e, por isso, a crise iria se aprofundar", afirmou.

Segundo Fernando de Hollanda,agora há "uma incerteza positiva". "Enfim, poderemos ou não sair da crise. Isso obviamente vai depender do presidente Michel Temer aprovar medidas duras, o que até agora não se viu. O começo de governo foi bastante complacente, com vários aumentos de gastos, que surpreenderam negativamente o mercado", avaliou.

Além de Fernando de Hollanda e Carlos Eduardo Carvalho, a mesa teve como expositores Laura Barbosa de Carvalho, da USP, e Carlos Pinkusfeld, da UFRJ. A coordenação ficou a cargo do professor Gustavo Britto, da UFMG.

(Jéssika Viveiros)

OBSTÁCULO PARA O AVANÇO

Interrupção de planos de desenvolvimento por governos sucessores marca experiências de planejamento econômico no Brasil

Ao longo dos últimos 80 anos, muitos planos de desenvolvimento econômico foram elaborados no Brasil – e a maioria deles carrega a sina de não resistir ao governo sucessor. Foi o que demonstrou o professor Thompson Andrade, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), em sua participação na mesa-redonda *Planejamento e desenvolvimento econômico brasileiro*, realizada no dia 2 de setembro, dia de encerramento do Seminário sobre Economia Mineira, em Diamantina.

"A primeira investida data de janeiro de 1939, e foi empreendida por Getúlio Vargas. Foi nessa ocasião que surgiu o conceito de 'restos a pagar', presente no discurso econômico ainda nos dias atuais, alusivo ao hábito de postergar a quitação de algumas dívidas quando não há dinheiro suficiente", destacou.

"A primeira investida data de janeiro de 1939, e foi empreendida por Getúlio Vargas. Foi nessa ocasião que surgiu o conceito de 'restos a pagar', presente no discurso econômico ainda nos dias atuais, alusivo ao hábito de postergar a quitação de algumas dívidas quando não há dinheiro suficiente." (Thompson Andrade)

Segundo Thompson, o governo seguinte, do general Eurico Gaspar Dutra, não deu seguimento ao plano iniciado por Vargas. Em vez disso, elaborou o plano que ficou conhecido como Salte – sigla para saúde, alimentação, transporte e energia. "O plano Salte só foi aprovado dois anos após sua idealização. E o compromisso foi rompido, mais uma vez, na gestão posterior", informou o economista.

"O plano Salte só foi aprovado dois anos após sua idealização. E o compromisso foi rompido, mais uma vez, na gestão posterior."

A concepção de metas de longo prazo só ganhou corpo anos depois, durante o regime militar. O Plano Decenal, formatado no mandato de Castello Branco, pretendia combater a inflação e impulsionar o crescimento econômico. "Foi esse plano que previu a criação do FGTS, poupança compulsória que gerou divisas para alavancar o desenvolvimento urbano e de saneamento no Brasil", relatou Thompson.

Segundo o professor da Uerj, essa fase representou o "auge" do planejamento como ferramenta de gestão. "Tecnicamente, foi muito mais aprimorado do que as edições anteriores. Mas a iniciativa também foi abandonada pelo governo de Costa e Silva, após a morte de Castello Branco", explicou.

Em relação às experiências mais recentes, o professor destacou o fato de que o plano do governo Lula era demasiadamente complexo, por reunir 4,3 mil ações, característica que tornava "complicada" a sua coordenação. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que marcou as gestões de Lula e Dilma Rousseff, foi definido por Thompson como "uma lista de projetos, que não caracterizaram propriamente um planejamento".

"[O PAC foi] uma lista de projetos, que não caracterizaram propriamente um planejamento."

JUSTIÇA SOCIAL

Para o professor Clélio Campolina, reitor da UFMG na gestão 2010-2014, a concepção moderna de planejamento deve extrapolar o viés do crescimento econômico. "O mundo inteiro reconheceu que o paradigma de planejamento vigente nos últimos 200 anos foi superado, simplesmente porque não gera soluções globais para a humanidade. O padrão de crescimento sem justiça social não serve mais", asseverou.

"O mundo inteiro reconheceu que o paradigma de planejamento vigente nos últimos 200 anos foi superado, [...] porque não gera soluções globais para a humanidade. O padrão de crescimento sem justiça social não serve mais." (Clélio Campolina)

Campolina destacou também que as experiências de planejamento acumuladas devem ser criticamente avaliadas pelos gestores brasileiros para possibilitar a renovação do projeto de desenvolvimento econômico e social. "Temos amplo instrumental teórico e metodológico para promover as mudanças necessárias. Mas o plano e a lata de lixo são objetos próximos se não houver vontade política", acrescentou.

"...o plano e a lata de lixo são objetos próximos se não houver vontade política."

O professor Hamilton Tolosa, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), destacou a heterogeneidade da economia brasileira, aspecto que comumente é abafado pelo discurso que prega índices e taxas generalizantes. "Simplificações grosseiras são perigosas armadilhas para os esforços de retomada do planejamento", alertou.

(Matheus Espíndola)

RUMOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Especialistas detalham plano diretor que vai conciliar dimensões territorial e ambiental na Grande BH

Transformar a forma de ver as cidades, mesclando os elementos naturais com os construídos, no intuito de elaborar políticas públicas que primem pelo interesse geral metropolitano. Esse é, segundo a professora Heloísa Soares de Moura Costa, o objetivo central do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PDDI-RMBH), que foi detalhado no dia 1º de setembro, durante a mesa-redonda *Universidade e planejamento urbano/metropolitano.*

"...as dimensões territorial e ambiental se misturam no macrozoneamento da região, que reconhece a importância das questões ambientais para a consolidação de uma metrópole mais justa." (Heloísa Costa)

"Conforme a proposta, as dimensões territorial e ambiental se misturam no macrozoneamento da região, que reconhece a importância das questões ambientais para a consolidação de uma metrópole mais justa", observou a professora.

Elaborado por 170 especialistas de diversas áreas, reunidos pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da UFMG, o PDDI, que foi entregue em maio ao governo estadual, contém propostas de 28 políticas, desdobradas em programas, projetos e ações destinadas ao desenvolvimento sustentável e integrado da região nas próximas quatro décadas.

Também estão entre as diretrizes do plano o estabelecimento de uma política integrada de apoio à produção agrícola e segurança alimentar, a integração de espaços, equipamentos e manifestações de cultura e a recuperação de áreas degradadas.

TRANSDISCIPLINARIDADE

O professor Roberto Luís Monte-Mor, coordenador geral do PDDI, explicou que o processo de elaboração do documento gerou aprendizado mútuo entre os pesquisadores, oriundos de diferentes campos do saber. "A predileção pela transdisciplinaridade é aspecto que, de um modo geral, se tornou peculiar à UFMG", comentou.

"A academia tem legitimidade para defender o interesse dos cidadãos na formulação das políticas públicas, contrapondo-se ao posicionamento tecnocrático que costumava prevalecer." (Roberto Monte-Mor)

Monte-Mor disse ainda que a universidade vem se afirmando como mediadora entre o poder público e a sociedade civil. "A academia tem legitimidade para defender o interesse dos cidadãos na formulação das políticas públicas, contrapondo-se ao posicionamento tecnocrático que costumava prevalecer", disse.

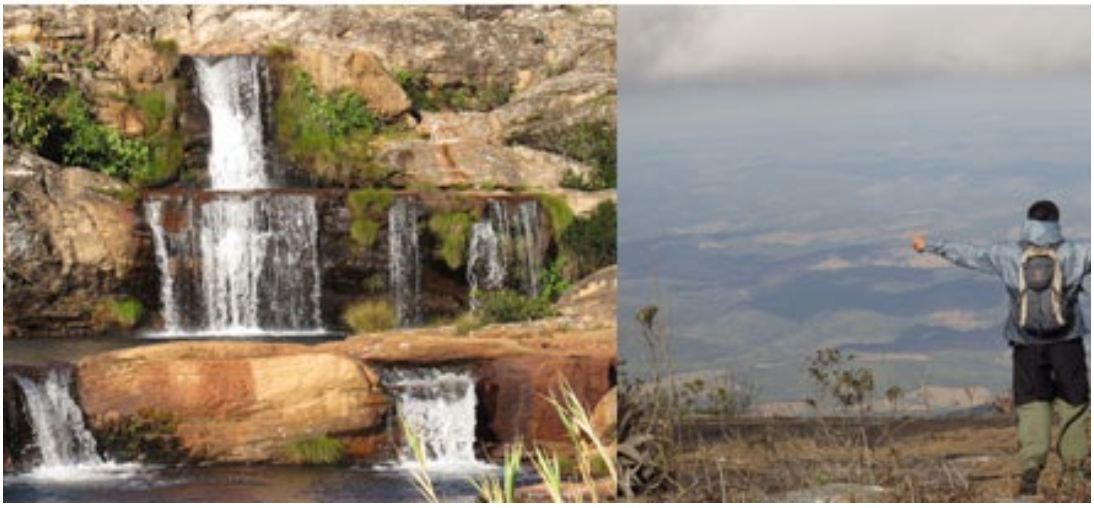
"Somos embriões de um modelo de conhecimento que não é burocrático e transmitido de cima pra baixo, mas construído coletivamente." (Marcos Gustavo)

O pesquisador Marcos Gustavo Pires de Melo reforçou que a universidade não tem interesse somente em "prestar o serviço", mas quer também "influenciar os rumos de todo o processo". "Somos embriões de um modelo de conhecimento que não é burocrático e transmitido de cima pra baixo, mas construído coletivamente", afirmou.

(Matheus Espíndola)

CODEMIG
Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais

MINAS GERAIS
GOVERNO DE TODOS



50 anos
cedeplar